

— Ainda irei. Acho que não tenho pecado grave — disse-lhe em tom de brincadeira e fui entrando para a sala.

— Psiu! Que pressa!?

— Aula complicada, Padre. Não posso perdê-la. Outro dia a gente conversa.

— Certo. Então entre.

Um nome simpático já se encontrava escrito à frente das minhas colegas: “Jacques Maritain”.

— Quem é? — perguntei à Edilene.

— Sei lá, Marine! Detesto Filosofia!

— Que mau-humor! Deve ser algum filósofo, esse tal de Maritain.

De fato, a professora, logo em seguida ditou:

— Jacques Maritain é um filósofo francês, nascido em Paris em 1882. “Aluno de Bergson, opôs-se ao pensamento do professor, em nome da ortodoxia católica e da neo-escolástica.”

“Nada ortodoxas, suas afirmações buscavam a cooperação de vários enfoques da realidade, incluindo-se as contribuições do inconsciente freudiano, dos arquétipos coletivos da humanidade de Jung, dos rituais da magia dos povos tecnologicamente atrasados.”

“Proclamava ter o cristão um compromisso moral de solidariedade para instituir a justiça social.”

Após o ditado, a professora notou que algumas de nós queriam fazer perguntas:

— Quem foi Jung e o que são arquétipos coletivos? — perguntou Joaquina.

— Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e analista suíço. Foi adepto e colaborador de Freud, mas depois se separou deste.

Arquétipos (de Jung) significam as idéias como modelos eternos das coisas. Para Jung, o homem é um ser coletivo. Ele representa a sua espécie e após a morte voltará a se unir ao mundo dos arquétipos (ou idéias) onde todos se unirão, formando uma coletividade.

— Até parece uma teoria reencarnacionista oriental, disse eu em tom baixo.

— O que você disse, Marine? — perguntou a Irmã, sorrindo.

— Eu disse que a teoria de Jung é quase semelhante à Teoria Reencarnacionista Oriental.

— É sim. Você tem razão. Entre Jung, Platão e as teorias reencarnacionistas há certas coisas em comum...

— É interessante, Irmã, se a gente durante a vida se recorda das coisas que estão no mundo das idéias, como disse Platão, é porque a gente já existiu antes!

— Marine! — disse a professora, quase zangada — vamos ao Maritain. Todas riram.

Não prestei mais atenção ao Maritain. Aquela observação sobre Jung deixou-me tão excitada quanto a aula sobre Platão, no mês passado.

Por que fico a me lembrar de coisas que não vivi? Isto é, não vivi aqui, depois que nasci... Meu Deus! Que complicação! Aquele castelo ou palácio tão iluminado... A Lua tão clara... alguém branco e repugnante tentando se impor... Novamente, em clara manhã de segunda-feira, em plena aula de Filosofia, eu massacrando a minha memória! Não! Não era justo padecer assim por algo tão estranho! Mas não dependia de mim. Era uma recordação cheia de névoa... porém, um fragmento de qualquer coisa...

Sócrates... Platão... Jung... Interessante, Maritain é católico e busca cooperação em teorias que a Igreja não aceita!...

Minha meditação foi interrompida pelo sinal, finalizando a aula de Filosofia. A aula seguinte seria de Didática.

À véspera do dia vinte e quatro de maio, desci para a Capela, a fim de me confessar. Várias colegas já se encontravam lá, inclusive Edilene. Esta me chamou e disse-me, baixinho, escondendo a boca com o véu.

— Marine, é a primeira vez que me confesso, em 1968. Amanhã será minha primeira comunhão deste ano.

— Por quê? Você sempre se confessou e comungou!

— Está lembrada daquela revelação que prometi lhe fazer?

— Sim! E o que é?

— Você se lembra da história que lhe contei no ano passado, sobre um vigário de minha Terra, abraçando uma moça na Casa Paroquial?

— Claro, Edilene! Tenho lembrança sim! E o que tem isso a ver com seu afastamento dos Sacramentos?

— Marine, você não entendeu ainda! O vigário da história é Pe. Jonathan! Ele é meu conterrâneo! Foi vigário lá, antes de partir para São Paulo.

O pânico invadiu-me completamente, porém tive forças e disse, quase gaguejando, à minha amiga: